

CAPÍTULO 6. As interpretações e os paradigmas interpretativos: o contributo de Manuel Heleno

“O Conhecimento que uma geração produz e as criações teóricas e metodológicas que a caracterizam só serão continuadas no futuro se sociedades posteriores as entenderem vitais”

(Diniz e Gonçalves, 1993-1994: 179)

6. As leituras de Manuel Heleno

6.1. Introdução

Como já tive oportunidade de observar, o modelo de Manuel Heleno assenta numa postura basicamente indigenista sobre o megalitismo alentejano, através do qual procurou descortinar as próprias origens da “nação portuguesa” (Fabião, 1999); como sabemos, os nacionalismos que floresceram na época procuravam, acima de tudo, “reforçar o orgulho e a moral das nações e dos grupos étnicos” (Trigger, 1992: 167) com base no discurso arqueológico, de que um dos exemplos mais notórios e extremos foi o de Gustaf Kossina, na Alemanha nazi.

Uma das consequências deste paradigma, foi o “encerramento de fronteiras sociais e políticas, que se aplicou do mesmo modo aos fenómenos pré-históricos” (Bueno Ramirez *et al.*, 2003: 47); efectivamente, se, desde finais do século XIX, o megalitismo português tendia a ser integrado e explicado no quadro da Europa megalítica (Pereira, 1880; Veiga, 1891), numa óptica mais antropológica que histórica, Manuel Heleno reflecte as tendências gerais da disciplina, na primeira metade do século XX, no sentido de uma valorização da diversidade e da especificidade culturais, identificando culturas arqueológicas com entidades étnicas.

A agenda organizou-se, basicamente, em torno da magna questão da “raça portuguesa”, cujas origens mais remotas, a arqueologia pré-histórica teria, precisamente, a função de rastrear. Esta perspectiva, para além de alguns excessos mais anedóticos (Almeida, 1950), reflectiu-se, por um lado, num interesse particular pelos restos antropológicos, mas, por outro, acabou por cristalizar num autismo profundo, de que Manuel Heleno representa, porventura, um dos exemplos mais acabados e de que os estudos sobre o megalitismo, em Portugal, ainda não recuperaram por completo.

Como complemento, convém recordar que, da escassa bibliografia teórica da autoria de Manuel Heleno, consta um trabalho relativamente medíocre, em que o autor se opõe ao conceito de *Homo afer taganus*, proposto por A. Mendes Correia (1919; 1921; 1923); tratava-se, basicamente, de refutar o eventual carácter negróide dos

mesolíticos do Tejo, uma vez que “as recentes investigações” não autorizariam “a origem africana destas indústrias” antes apoiariam “a filiação europeia do nosso mais remoto antepassado” (Heleno, 1944: 8).

6.2. Origem e evolução da arquitectura megalítica

A perspectiva indigenista foi integralmente perfilhada por Manuel Heleno (Heleno, 1956), alegadamente com base nas suas próprias escavações realizadas, entre 1930 e 1945, nos monumentos megalíticos no Alentejo Central. Porém, em 1931, praticamente no início do seu projecto, a propósito da sepultura do Curral da Mosca, observa que “a anta tinha aproximadamente a forma de caixa de que Obermaier presume terem nascido as antas” (Cd. 10 – Volume 2, Anexo 1, p. 81).

O ilustre arqueólogo de origem alemã, mas naturalizado espanhol, com quem Manuel Heleno veio a partilhar, em 1934, a direcção da escavação de um monumento (Vale das Covas, Cd 20 – Volume 2, Anexo 1, p. 135), foi provavelmente o inspirador do modelo evolutivo que quis testar no terreno e cujos resultados finais o deixaram provavelmente desiludido.

A posição de Manuel Heleno sobre a sequência evolutiva do megalitismo funerário alentejano foi recentemente referida através da transcrição de um excerto de um dos seus *Cadernos de Campo* (Cd. 28 – Volume 2, Anexo 1, p. 183) onde ele resume as suas conclusões mais gerais: as mais antigas seriam as pequenas sepulturas fechadas e as mais recentes, as de câmara com corredor longo e átrio (Cardoso, 2002: 188).

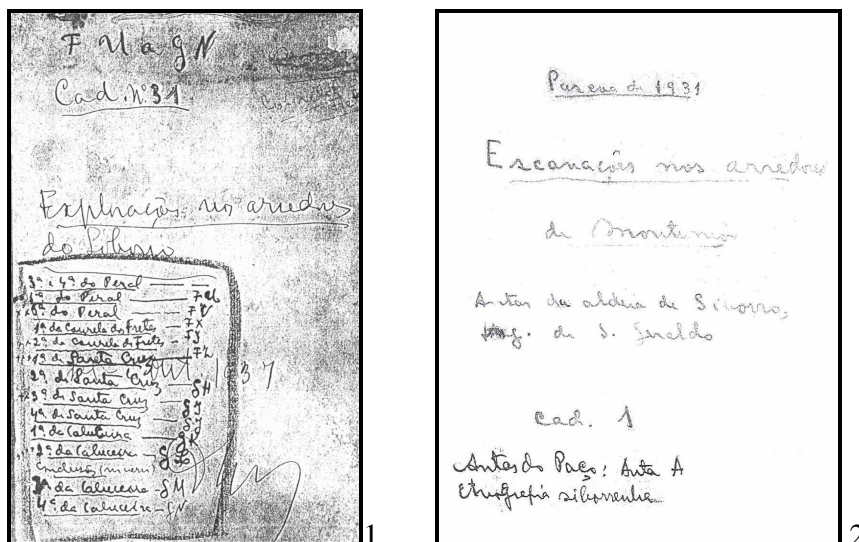


Fig. 6.1. Exemplos de Capa dos *Cadernos de Campo* de Manuel Heleno. 1: Cd. 31; 2: Cd. 1.

A génese e a evolução da arquitectura megalítica foram, claramente, os temas centrais do projecto de Manuel Heleno; na verdade, desde o início, os *Cadernos de Campo* apresentam comentários dispersos e breves sínteses, em que se revela a sua preocupação de confirmar, por um lado, e de desenvolver, por outro, um modelo evolutivo que, em traços largos, tinha, muito provavelmente, como já sugeri, sido concebido antes mesmo do início dos trabalhos.

Esses comentários gerais aplicam-se quer a conjuntos de monumentos, como é o caso do Monte do Deserto (Cd.28 – Volume 2, Anexo 1, p. 183), quer a áreas definidas (Cd.2 de Estremoz – Volume 2, Anexo 1, p. 270; Cd. 39 – Volume 2, Anexo 1, p. 253), quer ainda aos materiais (Cd.15 – Volume 2, Anexo 1, p. 110; Cd.32 – Volume 2, Anexo 1, p. 213).

As reflexões anotadas podem ter em conta apenas a evolução da arquitectura ou, mais frequentemente, podem conjugar a arquitectura com o espólio; são, aliás, habituais comentários do género “anta primitiva pela forma e pelo material”.

Logo em 1933, Manuel Heleno refere, a propósito da origem das pequenas sepulturas, que “estas teriam sido criadas pelos capsenses, como o provam os silices deles análogos aos de Muge, os quais tendo os enterramentos primeiros nos concheiros, começaram depois a fazê-los individualmente em sepulturas” (Cd.14 – Volume 2, Anexo 1, p. 101).

Compreende-se, portanto, a sua intenção frustrada de se apoderar do estudo dos concheiros, onde Rui Serpa Pinto, colaborador de Mendes Correia, tinha acabado de fazer o primeiro trabalho sistemático sobre as respectivas indústrias líticas (Pinto, 1932), trabalho a que, naturalmente Manuel Heleno tinha tido acesso. Foi esse desaire que o fez, pelo que parece, iniciar as escavações do Vale do Sado (Fabião, 1999: 122, nota 76).

Em 1936, no Caderno 28, e a propósito dos 23 monumentos que constituem a conjunto do Deserto, Manuel Heleno conclui que “a arquitectura das antas evoluciona do seguinte modo:

I – antas de forma de caixa, circulares, sem ou com pouca cerâmica, silices semi-lunares e trapezoidais ou triangulares;

II – antas do mesmo tipo mas alongadas estranguladas ou divididas em dois compartimentos (colectiva). A par desta subsistem os tipos antigos mais pequenos. Daqui uma dupla evolução:

- A) As grandes passam às de câmara e corredor;
- B) As pequenas, só as de câmara, que se alarga e sob a influência das cabanas se arredondam sucedendo o mesmo ao tipo que evoluciona para as de câmara e átrio redondo.” (Cd. 28 – Volume 2, Anexo 1, p. 183).

Em 1937, remodela a sequência, anotando:

“evolução:

- Antas de galeria;
- Antas com dois compartimentos em galeria, trapezoidais ou circulares;
- Anta com câmara e corredor com esteios quase da mesma altura;
- Antas com câmara e corredor largo;
- Antas com câmara redonda e átrio redondo” (Cd.31 – Volume 2, Anexo 1, p. 207).

No *Caderno* seguinte, porém, anota algumas contradições detectadas, defendendo que “na classificação dos dolmens é preciso atender não só à arquitectura, mas também a evolução do material. Há com efeito formas arquitectónicas primitivas em períodos mais avançados / material supervivente (arcaizante) em antas modernas” (Cd.32 – Volume 2, Anexo 1, p. 214).

Ainda neste último *Caderno*, Manuel Heleno refere, a propósito da origem dos corredores, que “é preciso não esquecer que a origem do corredor é múltipla: não é só o alongamento da galeria e a sua divisão em compartimentos que lhe dá origem. Observam-se com efeito antas já com câmara redonda ou ovalada, em que há um corredorsinho de pedras miúdas, sem dúvida saída da câmara, mas saída impraticável dada as suas pequenas dimensões e altura e mesmo porque a mamoa sendo superficial não precisava dela.” (Cd.32 – Volume 2, Anexo 1, p. 213)

A conjugação de todos os dados referentes à arquitectura com os espólios recolhidos leva-o, também no *Caderno* 32 (1937), a concluir que “no estado dos nossos conhecimentos actuais obtidos pelas escavações que datam de 1930, podemos fazer a seguinte classificação:

I GRUPO – vasos semi-esféricos

- a) Antas em forma de caixa sem cerâmica e com silices e machados.
- b) Antas em forma de caixa com cerâmica, silices e sem machados.
- c) Antas com silices sem cerâmicas e sem machados.

II GRUPO – Antas com silices com moosa, muita cerâmica e machados.

a) Forma de galeria, por motivo de se tornarem sepulturas colectivas.

b) Antas divididas ao meio, em compartimento, precedidas por alongadas estranguladas.

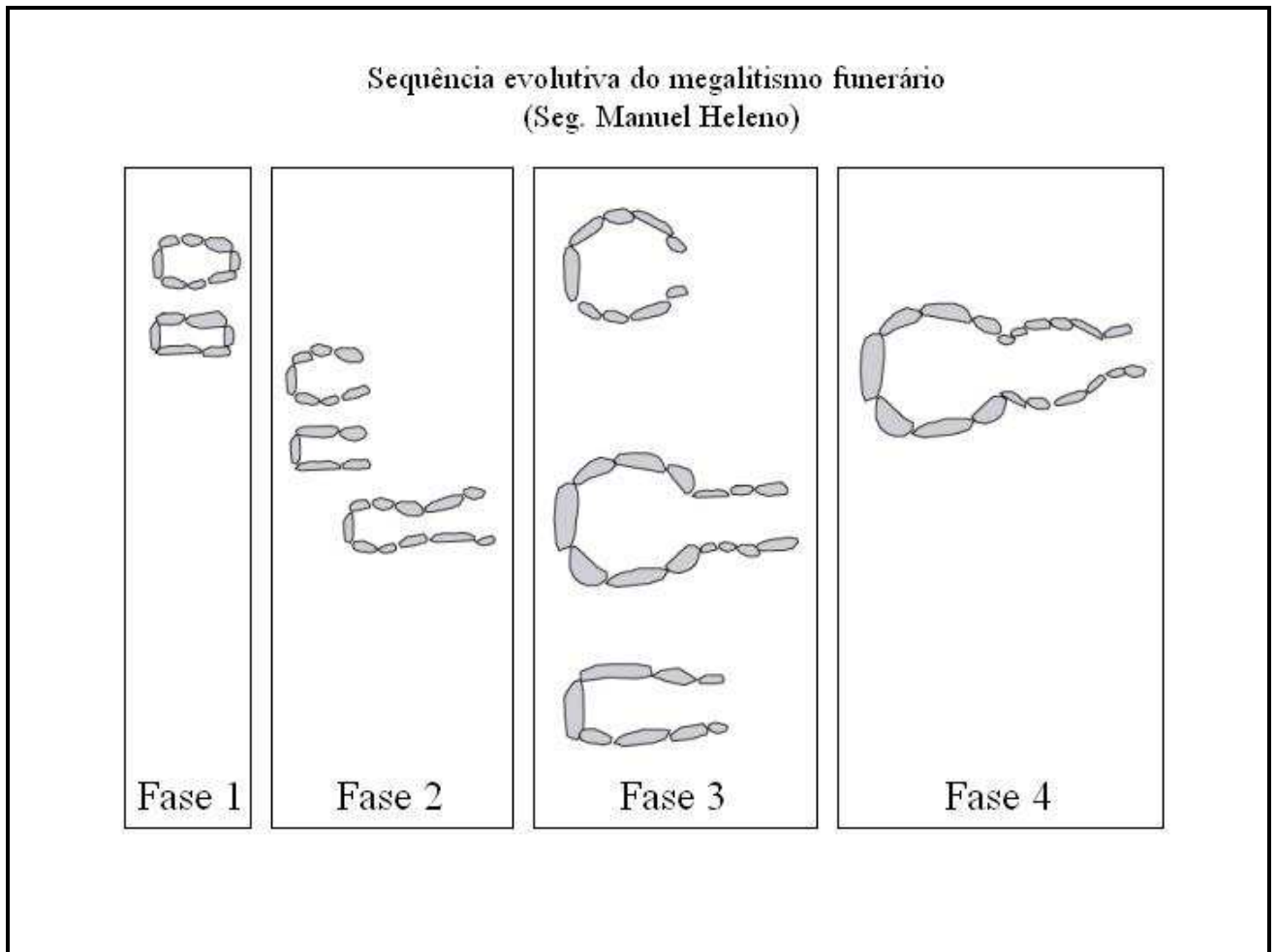
III GRUPO – por influência da forma redonda das cabanas derivaram:

➤ Do I GRUPO as antas só com câmara redonda, com a forma ovalada por transição.

➤ Do II GRUPO as antas de câmara e corredor, com a 1ª fase com os tipos da Cruz da Oliveira, Bertiandos, Pasmaceira.

Desses tipos passou-se às de câmara e galeria redondas, tipo Rabaçal com predomínio das setas de base convexa e chapões de cara.” (Cd.32 – Volume 2, Anexo 1, p. 213)

Se descontarmos as óbvias incongruências taxonómicas, em que se misturam categorias diferentes, parece legítimo concluir que a sua proposta considera, pois, num primeiro momento, as sepulturas fechadas, seguidas das pequenas galerias, as galerias divididas ao meio, as antas apenas com câmara e depois as antas com câmara e corredor, terminando a sequência nas antas de corredor longo, em particular as que apresentam corredor com alargamento central e aquelas em que foi confirmada a presença de átrio; este modelo interpretativo foi sistematizado no Quadro seguinte.



Quadro 6.1. Sequência evolutiva do megalitismo funerário.

Em última análise, mantém-se inalterada a proposta de partida, segundo a qual o megalitismo teria a sua origem nos concheiros do Tejo; é isso, aliás, que naturalmente explica a grande atenção prestada à escavação dos monumentos do conjunto do Deserto que, pela sua posição geográfica específica, se prestavam perfeitamente a testar a hipótese defendida.

Os argumentos de Manuel Heleno, em defesa desta origem, assentam, basicamente, na presença reiterada de micrólitos geométricos – artefactos genericamente filiáveis no fundo mesolítico regional – na escassez ou mesmo ausência de cerâmicas e no carácter individual das sepulturas mesolíticas; certamente pesou também, na sua leitura, uma perspectiva espacial derivada da conexão geográfica entre os monumentos que estudou e o antigo estuário do Tejo.

No que diz respeito ao esquema evolutivo atrás enunciado, importa registar que, nos comentários finais que faz de cada monumento (incluindo a área de Estremoz – Cd. 2 – Volume 2, Anexo 1, p. 268 e ss.), os diferentes tipos de sepulturas “primitivas”

aparecem codificados alfabeticamente (A, B e C), sem que em nenhum passo dos *Cadernos* forneça a chave desta codificação.

A confrontação dessas anotações com a análise dos monumentos, permitiu, no entanto, concluir que dentro das que designa como primitivas, considerou ainda, numa classificação baseada na geometria das plantas, quatro tipos principais.

As antas com corredor, que designa frequentemente por evolucionadas, não aparecem codificadas e, da análise do seu discurso, verifica-se que distinguiu basicamente três grandes grupos. Um e outras foram sistematizadas no seguinte quadro:

PRIMITIVAS	A: Rectangulares
	B: Trapezoidais
	C: Circulares
	B/C + corredor incipiente
EVOLUCIONADAS	Câmara circular e corredor
	Câmara grande e corredor longo
	Com átrio

Quadro 6.2. Sequência evolutiva do megalitismo funerário.

O facto de não ter referenciado nenhum monumento de falsa cúpula, na área que estudou – e convém recordar que, nessa época, não se conhecia ainda nenhum exemplar, em contexto alentejano – não o coibiu de tecer comparações, mais ou menos pertinentes, entre alguns espólios e arquitecturas dos monumentos que escavou e os *tholoi* publicados, no Barlavento algarvio, por Estácio da Veiga (Veiga, 1886; 1889).

É importante, neste aspecto, assinalar que, antes dele, Vergílio Correia já tinha também relacionado os corredores longos e com um claro alargamento mesial, como o da Anta Grande da Ordem (Avis), com os de algumas grutas artificiais e de sepulturas de falsa cúpula, nomeadamente o *tholos* da Marcela (Veiga, 1886: 257-277), a que poderíamos acrescentar ainda o *tholos* do Monte Velho (Ourique) (Leisner e Leisner, 1959: Tafel 43, 1).

Para além das antas e dos povoados que escavou, Vergílio Correia identificou ainda um conjunto de monumentos naturais que considerou como santuários. Se, em relação aos povoados, apesar da indiferenciação cronológica, o contributo teórico deste autor foi notável, sobretudo por temporão, quanto aos afloramentos graníticos, os “santuários” (num deles fez escavações e confirmou a ocupação pré-histórica), é curioso

verificar que, depois de Manuel Heleno, o conceito foi abandonado por falta de suporte arqueológico. Tratava-se, em última análise, de uma abordagem intuitiva e, até certo ponto, fenomenológica, que, curiosamente, ganhou recentemente uma nova expressão, embora certamente reciclada.

Na verdade, a identificação sistemática de sítios de habitat associados aos *thors* e caos de blocos que emergem nas paisagens graníticas, a partir dos primeiros momentos da neolitização do Alentejo Central, apesar de alterar os pressupostos aceites por Vergílio Correia, não deixa de introduzir, no discurso arqueológico, um elemento de carácter simbólico, que o próprio megalitismo parece confirmar (Calado, 2004).

Quanto a Manuel Heleno que, como veremos, comparou sobretudo alguns artefactos com os espólios de Alcalar, pode ter-se baseado naquela observação de Vergílio Correia quando, sem estabelecer paralelos, considera o arredondamento dos corredores numa fase final das antas mais evoluídas.

Reveladora das suas preocupações indigenistas, é o seu comentário a dois casos anómalos, a anta 1ª das Picanceiras e a do Zambujeiro, que, em vez de esteios, apresentavam partes construídas por “uma parede irregular de pedras”. Sugerindo uma qualquer ligação com a técnica construtiva dos monumentos de falsa cúpula, interroga-se se “a origem da técnica de Alcalar” se poderia buscar “nos dolmens primitivos” concluindo, sintomaticamente, que se tratava de uma “técnica muito antiga, não estrangeira” (Cad. 38 – Volume 2, Anexo 1, p. 250).

Por outro lado, em 1939, no *Caderno* 39 (Volume 2, Anexo 1, p. 253), Manuel Heleno abalança-se com um modelo espacial, em que defende que, na área que estudou, se podia observar um aumento das dimensões dos monumentos, de Oeste para Leste e de Norte para Sul, enquanto, pelo contrário, as placas de xisto aumentavam em sentidos inversos.

Esta última observação que, conforme veremos, se confirma, quer no grupo ocidental, só por si, quer no conjunto da área de estudo, parece funcionar igualmente no contexto do resto do Alentejo Central, tendo, naturalmente, como referente o grupo de Reguengos de Monsaraz, ubicado precisamente nos limites SE do Alentejo Central.

6.3. Os espólios votivos

De acordo com a contabilidade permitida pela leitura dos *Cadernos de Campo*, as peças depositadas actualmente no MNA seriam superiores a 10400; na realidade estes

números devem ser substancialmente mais elevados, dadas as imprecisões existentes em muitos casos, nomeadamente, como referi, nos monumentos mais recheados (cf. Anexo 2, Volume 2). A anta do Paço A, por exemplo, cujo espólio já começou a ser inventariado pelo Museu Nacional de Arqueologia, forneceu cerca de 3500 pontas de seta; no entanto, o total calculado a partir dos cadernos, com base no número mínimo de artefactos, é apenas de 3569 registos.

Dentro do universo das cerâmicas exumadas, e apesar de reconhecer nelas uma grande diversidade morfológica, Manuel Heleno não tece grandes comentários, por evidentes dificuldades conceptuais e metodológicas; exceptuam-se algumas tentativas pouco consequentes que, devido à ausência de registo gráfico e a ambiguidades terminológicas não são passíveis de descodificação cabal. Anota, mesmo assim, de vez em quando, comparações entre peças e/ou decorações, provenientes de diferentes monumentos.

Por vezes, a associação espacial com outros materiais pode levá-lo a fazer breves comentários, geralmente de carácter cronológico, sobre algumas formas. No *Caderno 6* (Volume 2, Anexo 1, p. 45), a propósito de dois vasos que apareceram junto a uma alabarda, na anta N, afirma que as peças recolhidas eram contemporâneas das alabardas que, por sua vez, implicariam cronologias tardias. Recorde-se que as alabardas eram já um elemento bem identificado nos *tholoi* algarvios, de que Manuel Heleno demonstra, como seria de esperar, ter conhecimento.

No *Caderno 32*, na síntese que faz sobre a evolução dos diversos tipos de materiais, propõe a seguinte ordenação:

“ 1º Vasos semi-esféricos;

2º Vasos elípticos;

3º Vasos cilíndricos (de colo curvo?);

4º Vasos cilíndricos de colo chato?

5º Vasos de feição argárica.” (Cd.32 – Volume 2, Anexo 1, p. 214).

Destaca-se, nesta proposta, a antiguidade relativa das formas simples (semi-esféricas) – que, como hoje bem sabemos, caracterizam as produções oleiras do Neolítico antigo/médio – e o aparecimento, que hoje sabemos também ter ocorrido no Neolítico final, ou um pouco antes, das formas compósitas, geralmente carenadas, que presumivelmente correspondem aos “vasos cilíndricos” e, eventualmente, também aos “vasos de feição argárica”; na mesma categoria geral (os vasos carenados) se devem, eventualmente, incluir as peças que descreve como “de colo cónico e base esférica”. Em

contrapartida, as formas que designa como “elípticas” são, neste contexto, difíceis de interpretar.

Quanto às decorações, os relatos de Manuel Heleno são também, muitas vezes, pouco elucidativos. Destaca-se, por exemplo, a referência a peças com sulco abaixo do bordo, que bem podem corresponder ao tipo bem representado no Poço da Gateira 1 (Leisner e Leisner, 1951) ou, também em número relativamente elevado, na anta da Figueira Branca (Marvão) (Oliveira, 1995, 3: 145-151).

Este tipo decorativo tem, em diversas áreas do ocidente peninsular, em contextos habitacionais e funerários, sido proposto como “fóssil director” para o Neolítico médio (Silva e Soares, 1981; Soares e Silva, 1992; Carvalho, 1998).

Valorizou, por outro lado, a ausência de cerâmica como um dos indicadores de antiguidade dos monumentos.

A Pedra Polida é, a par da Pedra Lascada, um dos grupos sobre os quais Manuel Heleno vai tecendo mais considerações, convicto de que a morfologia e o tipo de polimento destes artefactos seriam bons indicadores cronológicos e culturais.

Os machados de “rude aspecto”, mal polidos ou picados de secção quadrangular ou redonda são, na sua óptica, os mais antigos.

A questão do polimento dos machados que, no início das suas intervenções, é salientado com o intuito de reforçar a antiguidade dos monumentos, como “o machado mal polido ou picado, leva-nos a incluí-la no grupo das antas primitivas” (Cd.14 – anta AT – Volume 2, Anexo 1, p. 101), é abandonada em 1939, tendo concluído que “o polimento como elemento cronológico nada significa.” (Cd.37 – Volume 2, Anexo 1, p. 240).

Este *volte face* resultou das observações que foi efectuando, nomeadamente as contradições verificadas em relação aos tipos arquitectónicos a que, em última análise, Manuel Heleno optou dar mais importância; por exemplo, a propósito da anta CE, deixou-nos o seguinte comentário: “pela forma primitiva. No entanto os machados já muito bem polidos.” (Cd.18 – Volume 2, Anexo 2, p. 126).

A coexistência, no mesmo monumento, dos diferentes tipos de machados foi, naturalmente, outra observação perturbadora. Anotou, expressamente, com alguma perplexidade, que, por exemplo, na Anta V, “apareceram cinco machados (...) de vários tipos: um mal polido, secção rectangular; outros dois redondos; dois espalmados. É de notar a diferença dos tipos de machados sendo na mesma época.” (Cd.9 – Volume 2,

Anexo 2, p. 71), ou ainda, a propósito da anta ER sublinha a “associação dos machados redondos com os sub-quadrangulares” (Cd.28 – Volume 2, Anexo 1, p. 184).

Sendo hoje relativamente clara uma anterioridade dos machados de secção transversal arredondada, cuja forma geral foi obtida por picotagem ou polimento, em relação às peças de secção transversal poligonal, cuja forma geral resultou geralmente da debitagem de lascas longitudinais, é justo sublinhar o carácter precoce das observações de Manuel Heleno, mesmo que contaminadas, como de facto estavam, por critérios aparentemente irrelevantes, como é o da extensão do polimento.

Na verdade, apesar de, nos povoados do Neolítico antigo, o primeiro tipo ser praticamente exclusivo e de acontecer o contrário nos povoados calcolíticos, há provavelmente dois aspectos que reduzem drasticamente o alcance desta observação, no que toca à sequenciação cronológica dos monumentos megalíticos e que, mais à frente serão discutidos: por um lado, a possibilidade de o megalitismo funerário corresponder, maioritariamente, a um período em que ambos coexistiam (mesmo que numa fase em que invertiam as respectivas percentagens relativas) e, por outro, as presumíveis diferenças entre os espólios do quotidiano e os espólios funerários.

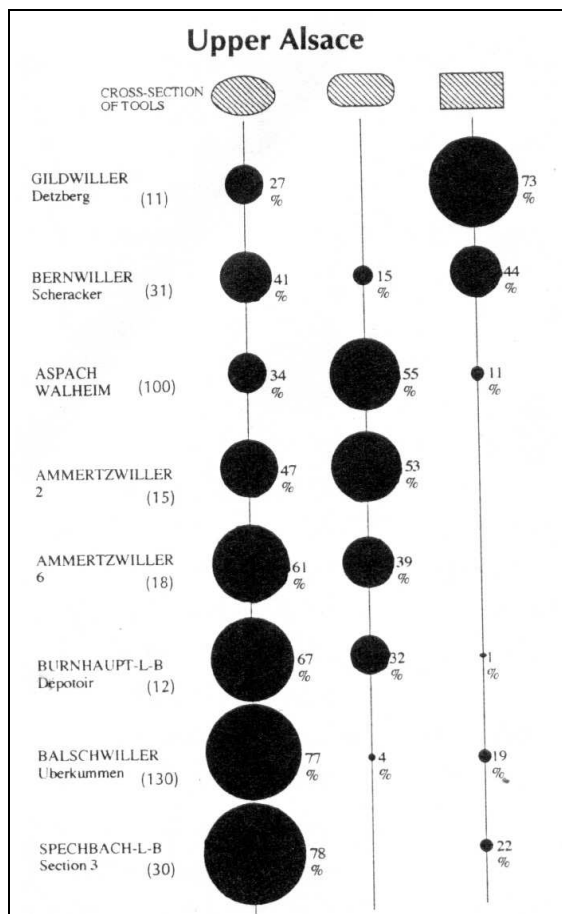


Fig. 6.2. Evolução das secções dos machados, na Alta Alsácia (seg. Pétréquin *et al*, 1998: 290).

A evolução das secções transversais dos machados e das respectivas técnicas de fabrico foi, recentemente, confirmada noutras áreas europeias, com implicações interessantes em termos dos métodos de aprovisionamento de uns e outros (Pétréquin *et al*, 1998: 290). Nesse mesmo trabalho, faz-se igualmente alusão ao facto de a referida sequência evolutiva ter sido anteriormente observada, na bibliografia francesa, embora com base em amostras reduzidas, por A. Glory, em 1942 e por Piningre, em 1974, isto é, posteriormente às anotações de Manuel Heleno.

Quanto às goivas, de que os *Cadernos* apenas registam a presença de quatro exemplares, Manuel Heleno considera-as tardias, sem apresentar qualquer argumento nesse sentido, embora tenha recolhido evidências contraditórias; de facto, a propósito da anta AF, observa que o monumento “tinha a forma de galeria coberta, espécie de antela”, interrogando-se se “seria pois do principio do neolítico ou da época do cobre? Os instrumentos mal polidos confirmavam a 1ª hipótese, a goiva a segunda. (...)” e conclui, para sanar o dilema: “mas não seria a goiva objecto de importação?” (Cd.10 – Volume 2, Anexo 1, p. 81).

Em relação à Pedra Lascada, Manuel Heleno estabelece várias etapas evolutivas, sobretudo para o grupo dos geométricos e das pontas de seta.

Para os geométricos em geral, é repetidamente invocada uma origem mesolítica, tendo certamente em mente as indústrias líticas dos concheiros do Tejo, nomeadamente com alusões a “micrólito triangular de carácter capsense (Cd.4, Anta F – Volume 2, Anexo 1, p.32)”, ou a “silices de carácter capsense” (Cd.4, Anta E – Volume 2, Anexo 1, p. 34). Note-se que, por essa altura, foi publicado um estudo específico sobre as indústrias microlíticas do Cabeço da Amoreira (Muge) (Pinto, 1932), abrindo caminho a uma reorientação dos estudos sobre os concheiros, até aí monopolizados pelos aspectos antropológicos.

Procura, numa busca da sequência tipológica linear que caracteriza a maior parte das suas propostas, explicar o aparecimento das pontas de seta de base côncava, como resultado de uma evolução a partir dos geométricos (trapézios ou triângulos) com uma truncatura côncava, artefactos que classifica como “silices de base côncava”; note-se que, com base numa aproximação do mesmo tipo, os Leisner sugerem precisamente o inverso, atribuindo os trapézios “com o lado inferior ligeiramente côncavo” à “influência da ponta de seta retocada de base côncava” (Leisner, 1951: 54)

Quanto às “setas de base convexa”, por não lhes encontrar antecedentes credíveis nos geométricos, Manuel Heleno considera que são “de origem estrangeira e teriam tido predomínio na primeira fase do calcolítico”. Na mesma óptica, propõe, ainda que “delas resultaria o punhal e a alabarda.” (Cd.2 de Estremoz – Volume 2, Anexo 1, p. 269).

Outras vezes contrasta as associações desses artefactos com o tipo de arquitectura, como na Anta de N^a. S^a. da Conceição dos Olivais, em que “apesar das suas grandes dimensões, que lembram as antas do fim do eneolítico ou mesmo do Bronze, esta apresenta-se com silices de base concava, semelhantes aos da Oliveira da Cruz, a par de setas com base concava que em número pouco excede os silices”. E questiona: “será esta anta antiga? (...) Em todo caso parece que os silices se conservaram aqui mais tempo ou as antas evoluíram mais depressa. As setas convexas talvez de fora.” (Cd.2 de Estremoz – Volume 2, Anexo 1, p. 270). É interessante, neste último caso, a tentativa de explicar as discrepâncias observadas, com base em ritmos diferenciados de comunidades distintas, explicação que, hoje em dia, merece ainda uma reflexão séria, apesar de, com isto, Manuel Heleno não abandonar a sua “visão provinciana das evoluções em ambiente fechado” (Gonçalves, 1992: 104).

Ainda em relação à evolução específica dos geométricos, Manuel Heleno refere no *Caderno* 32 (Volume 2, Anexo 1, p. 214), que “nos silices a evolução é mais segura:

1º Semi-lunares;

2º Trapezoidais;

3º Trapezoidais ou semi-lunares com moessa;

4ª Triangulares com a base já concava” cronologicamente enquadráveis no neolítico.

Numa primeira fase, quando surgem micrólitos em contextos mais tardios, ou seja, em monumentos tipologicamente mais complexos e de maiores dimensões, sugere que se trate de refere “supervivência mesolítica” (Cd.2, Anta A – Volume 2, Anexo 1, p. 20) ou “supervivência Neolítica” (Cd.7, Anta O – Volume 2, Anexo 1, p. 47). Posteriormente, a presença quase sistemática de geométricos neste tipo de monumentos leva-o a concluir que estes “se mantiveram até ao Eneolítico inicial” (Cd.7, Anta O – Volume 2, Anexo 1, p. 47).

Mais tarde, Manuel Heleno reavalia a situação e admite categoricamente que os geométricos tiveram uma longa duração, chegando a afirmar que “em todo o caso os

sílices são em grande parte calcolíticos “ (Cd39, Anta KX – Volume 2, Anexo 1, p. 251).

Note-se que, na proposta de sequenciação acima reproduzida, para além de aparecerem isolados, como fase final do processo, os sílices triangulares com a truncatura menor côncava – que, como se viu, anunciariam as pontas de seta de base côncava – destaca igualmente os sílices “com moosa” (em 16 monumentos).

Este aspecto, para o qual a bibliografia arqueológica não tem, depois dele, chamado suficientemente a atenção foi, mesmo assim isolado pelos Leisner como um dos tipos presentes (embora apenas com 2 exemplares) em Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1951: 56). Para além destes dois exemplares, os autores alemães publicam um outro exemplar duvidoso da Anta da Capela (Avis) (Leisner e Leisner, 1959: Tafel 15, 3, nº 23) e, surpreendentemente, um conjunto estatisticamente relevante proveniente de alguns dos controversos monumentos cistóides de Monchique, assim como das câmaras alongadas múltiplas de El Pozuelo, em Huelva (Ibidem, Tafel 45, 3-5; Tafel 46, 2, 3, 7, 11; Tafel 48, 1-4). Este tipo de geométrico, em contrapartida, está absolutamente ausente, pelo que parece, dos espólios recuperados nos monumentos do distrito de Portalegre (Oliveira, 1995).

As pontas de seta são claramente interpretadas, na leitura de Manuel Heleno, como um fenómeno tardio, com base, nomeadamente, nas associações com materiais como as placas de xisto e com base na sua escassez relativa nos monumentos que considera mais antigos.

Como curiosidade, refira-se um caso que lhe chamou a atenção; trata-se, aparentemente, de duas pontas de setas ligadas e que, na sua opinião, não teriam sido terminadas. Considera-as como um caso “documental para mostrar o seu fabrico, que juntamente com as contas poderá dar um artigo “*Fabrico de instrumentos de pedra (machados, contas, setas).*” (Cd.26, Anta EF – Volume 2, Anexo 1, p. 171).

Destes comentários podemos deduzir que Manuel Heleno considerava que a evolução das pontas de seta arrancaria com as de base convexa (em que presumia uma indefinida influência exterior) e terminaria com as de base côncava. Cronologicamente situava as primeiras no Neolítico final e as outras já no Calcólítico. As pontas de seta de base convexa seriam, por sua vez, os protótipos de que teriam derivado as alabardas e os punhais (Cd2 de Estremoz, Volume 2, Anexo 1, p. 269).

Naturalmente, as alabardas que, neste conjunto, são efectivamente muito raras, inserem-se, na opinião de Manuel Heleno, numa cronologia mais tardia, já em pleno Calcolítico (ver Anta N, Cd.6 – Volume 2, Anexo 1, p. 46).

Sobre a evolução das lâminas refere apenas que “as facas” são:

1º- “estreitas, delgadas no Neolítico;

2º- “muito largas no Bronze I” (Cd.32, Volume 2, Anexo 1, p. 214).

De um modo geral, nas anotações de Manuel Heleno, as lâminas “grosseiras” são sinónimo de antiguidade e as grandes, largas e retocadas, de modernidade.

O grupo das Placas de Xisto é o que lhe oferece mais comentários, tipológicos e cronológicos; a ausência destes artefactos remete, normalmente, os monumentos para os contextos mais antigos, enquanto que, por oposição, a sua presença, os situa na fase evolucionada (Cd.7, Anta O, Volume 2, Anexo 1, p. 48).

O antropomorfismo de algumas placas interpreta-o Manuel Heleno, no início dos seus trabalhos, como arcaizante, nomeadamente quando considera, a propósito dos “ídolos antropomorfos” recolhidos na Anta da Talha 1 (Cd. 1, Estremoz – Volume 2, Anexo 1, p. 264), que, num deles, os braços aparecem “ainda desenhados com naturalidade”; mais tarde, a propósito das antas da Freixa (anta KU, Cd. 38 – Volume 2, Anexo 1, p. 249) e do Rabaçal (anta DQ, Cd.23 – Volume 2, Anexo 1, p. 156), relaciona um detalhe arquitectónico que considera tardio – uma antecâmara – com a presença de placas antropomórficas.

Por outro lado, a presença de báculos remete, sempre, o monumento para o Calcolítico; é curiosa, a este respeito, a descrição que faz da Anta 2 da Lobeira de Baixo (anta CI, Cd. 20, Volume 2, Anexo 1, p. 129), em que refere um “esqueleto (...) com um báculo sobre o peito” que “parecia agarrar com a mão direita”.

Em relação às contas de colar, Manuel Heleno não faz qualquer comentário directo sobre a sua eventual cronologia, mas quando enumera, em alguns monumentos, as razões pela qual eles são “primitivos”, considera também, com frequência, a ausência de contas. Na verdade, como veremos (Capítulo 7), as contas de colar não aparecerem, por norma, nos monumentos mais simples.

De um modo geral, pode-se considerar que a presença/ausência dos espólios conectados ao sagrado, ao adorno e a cerâmica eram determinantes para avaliar cronologicamente o monumento.

6.4. As questões cronológicas: o Neolítico e o Calcolítico alentejanos.

A análise global dos *Cadernos* de Manuel Heleno permite-nos obter uma imagem das suas ideias sobre a evolução cronológica do megalitismo. Como seria de esperar, os comentários e avaliações dos dados surgem sobretudo a partir de 1936 (Cd.28, Volume 2, Anexo 1, p. 183), após 5 anos de contínuas escavações no Alentejo.

Os monumentos mais antigos que surgiriam na sequência dos concheiros de Muge, seriam individuais, cronologicamente enquadráveis dentro de uma fase antiga do Neolítico, seriam de pequenas dimensões, tanto a nível dos diâmetros como da própria altura dos esteios.

A evolução da arquitectura ter-se-ia então processado por um aumento gradual destas medidas e a primeira manifestação da tendência para a formação do corredor seria pela diferenciação das altimetrias dos esteios, nas sepulturas alongadas. Os esteios mais a Este eram mais altos do que os do lado Oeste. A estes primeiros monumentos estavam ainda associados os espólios mais simples com machados de secção redonda/ovalada e quadrangular, feitos de lascas, com o corpo picotado ou por polir, geométricos e escassas cerâmicas. Saliente-se que Manuel Heleno considerava as goivas como muito tardias, pelo que a sua presença em pequenas sepulturas, levava-o a considerar estas como prováveis antelas da Idade do Bronze (anta AF, Cd. 10 – Volume 2, Anexo 1, p. 81; anta CL, Cd. 19 – Volume 2, Anexo 1, p. 131).

A partir do momento em que surgem as antas com corredor e enterramentos colectivos, Manuel Heleno deixa de fazer comentários cronológicos precisos sobre a arquitectura. Por vezes, apenas as grandes dimensões ou a disposição dos esteios o leva a referir que lhe parece um monumento mais evoluído. Mas as cronologias para estes monumentos podem aferir-se sobretudo pelos comentários que realiza sobre os espólios, a presença ou ausência de determinados materiais, por vezes por comparação com outros monumentos, o que nos leva a considerar que esta fase que se desenvolve a partir

do Neolítico final e se estende até ao Calcolítico, é avaliada essencialmente pelos materiais.

Assim sendo, a presença das placas de xisto e das pontas de seta pertencem a monumentos do Calcolítico inicial. As placas antropomórficas são de monumentos (segundo ele sobretudo as que tinham átrio) de cronologia imediatamente anterior, ou seja Neolítico final/Calcolítico e, os báculos e o cobre do Calcolítico pleno.

A comparação das arquitecturas e dos espólios entre os dois grupos por ele intervencionados, o de Estremoz e o de Montemor leva-o ainda a considerar que as antas “primitivas” eram maiores no Alto Alentejo do que na área de Montemor e que a evolução se teria processado de forma diferente nesta área, uma vez que não existiam os tipos (B) arquitectónicos intermédios e que os geométricos se mantiveram durante mais tempo, aparecendo ainda associados às pontas de seta de base convexa ou de espigão.

As sepulturas existentes nas mamoas não foram, regra geral, interpretadas como enterramentos muito posteriores. Nuns casos, Manuel Heleno propõe que elas seriam de “subalternos” e, noutros, que se deveriam à ausência de espaço no interior da anta. Em ambos os casos, seriam contemporâneas ou imediatamente posteriores, não havendo hiatos na utilização do monumento.

Em todo o caso, Manuel Heleno identificou a presença de posteriores reutilizações da Idade do Ferro e do período romano.

Para além das observações contidas nos *Cadernos de Campo*, dispomos de um documento muito interessante que, de certa forma, constitui uma síntese final do esquema interpretativo idealizado por Manuel Heleno, a partir das suas escavações nos monumentos alentejanos; esse texto baseou-se nas “Lições de Arqueologia de 1955-56”, proferidas, por Manuel Heleno, na Faculdade de Letras de Lisboa e que foram facultadas por A. H. de Oliveira Marques – que tinha sido seu aluno – ao colaborador da edição portuguesa de A. Varagnac, Vitorino Magalhães Godinho.

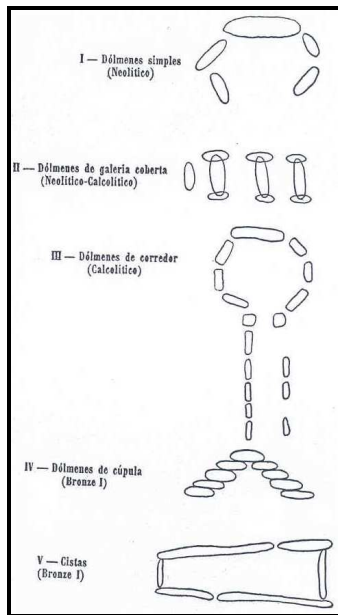


Fig. 6.3. Proposta evolutiva de Manuel Heleno, (segundo Vitorino Magalhães Godinho, *in*: Varagnac, 1963: 385).

Neste texto, que obviamente reflecte alguma actualização das posições anteriores, verifica-se que Manuel Heleno considerava já uma fase mais antiga com cerâmica cardial, a que se seguiriam, numa segunda fase “os dólmenes simples – triangulares, poligonais, sobre o circular” e em que o enterramento seria “predominantemente individual”; em termos artefactuais teríamos, “machados redondos picados, goivas, facas finas e recurvadas, pequenas pontas de ardósia; a louça é de início lisa e do tipo europeu ocidental, depois surge a almagrada”.

Como conclusão, ao arrepio da tese de A. Varagnac, propunha que “os dólmenes simples não seriam pois resultado de uma barbarização de formas mais complexas que teriam penetrado pelos estuários do Tejo e do Sado vindas do Mediterrâneo oriental (Vitorino Magalhães Godinho, *in* Varagnac, 1963: 385).

A inclusão de uma fase cardial entre o Mesolítico e os primeiros monumentos megalíticos não aparece expressa em nenhum dos *Cadernos de Campo* analisados. Pelo contrário, Manuel Heleno sugere uma evolução directa dos enterramentos em fossa dos concheiros para as primeiras sepulturas individuais, sem tomar em consideração aquilo a que hoje chamamos Neolítico antigo. É, no entanto, natural que, em meados dos anos cinquenta, Manuel Heleno tivesse alterado um pouco as suas propostas evolutivas

Na fase seguinte, segundo as anotações de A. H. Oliveira Marques, Manuel Heleno propunha que “dos dólmenes simples ter-se-ia passado às galerias cobertas.

Entra-se no período de inumação colectiva.” (Vitorino Magalhães Godinho, in Varagnac, 1963: 386)

Seguidamente, “complicando-se, os dólmenes tornam-se de câmara e corredor. (...) Como exemplo, indiquem-se os de Pavia (Alentejo), estudados por V. Correia”.

Por último, “os dólmenes de falsa cúpula são posteriores, no Ocidente peninsular, aos atrás enumerados”; em abono desta leitura, são invocados os resultados obtidos “em Reguengos de Monsaraz, onde as escavações de Leisner encontraram um desses por cima de uma mamoa que cobria um dólmen de corredor.”

Por outro lado, “os dólmenes de cúpula não resultam de uma evolução local mas sim representam uma penetração de cultura mediterrânea por via marítima.”

Quanto aos espólios líticos, “o complexo industrial evolui in loco de um Mesolítico tardenoisense no Centro e Sul (sílex trapezoidais) e asturiense no litoral norte – com descidas até à costa algarvia – (picos de pedra para arrancar mariscos), com aspectos azilenses (sem arpões) e infiltrações campignyenses, para um neolítico fruste mas depois progressivo, e daqui, insensivelmente quase, para o Calcolítico e Bronze, mas recebendo contribuições terrestres e marítimas, trazidas por relações mercantis (...) em proveniência do Próximo Oriente por via mediterrânea e por via danubiana” (Vitorino Magalhães Godinho, in Varagnac, 1963: 385-386)